
004ª AUDIÊNCIA PÚBLICA 04JUN2018

(Texto com revisão.)

SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS JOSÉ LUÍS ESPÍNDOLA LOPES: (19h) Estão abertos os trabalhos da presente Audiência Pública, que tem por objetivo debater acerca da segurança pública em Porto Alegre. “O Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, no uso de suas atribuições legais, convida a comunidade porto-alegrense para a audiência pública a ocorrer no dia 04 de junho de 2018, às 19h, na Rua Álvaro Difini, nº 400, sede da Associação do Comércio e Indústria da Restinga – ACIR, com o objetivo de debater o tema acima referido. Gabinete da Presidência, 17 de maio de 2018. Ver. Valter Nagelstein – Presidente.” Convidamos para compor a mesa desta audiência a Ver.^a Comandante Nádia, Presidente desta audiência pública; o Sr. Dr. José Nilton Costa de Souza, representante do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, Promotor de Justiça da Promotoria de Justiça Regional da Restinga de Porto Alegre; Sr. Gerson Nadler, Delegado de Polícia da 7ª Delegacia; Sra. Shana Luft Hartz, Delegada de Polícia da 16ª Delegacia; o Sr. Dr. Leandro da Cruz Soares, representante da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional do Rio Grande do Sul; o Sr. Major Macarthur Vilanova, Comandante do 21º BPM; o Sr. José Luiz Ribeiro, da Secretaria Municipal de Segurança; a Sra. Cristiane Machado, do gabinete do Ver Roberto Robaina.

A Ver.^a Comandante Nádia, Presidente desta audiência, está com a palavra.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Boa noite a todos, boa noite a todas que hoje participam desta audiência pública; gostaria de informar que a Câmara de Vereadores, cônica da sua importância no Município de Porto Alegre, preocupada também com a segurança pública dos mais diversos bairros da nossa Capital, resolveu, através do Presidente Valter Nagelstein e da Mesa Diretora, realizar audiências públicas nas áreas onde estão instalados os Batalhões da Brigada Militar, desta forma abrangendo a totalidade de bairros de Porto Alegre, a fim de que nós possamos entender através da comunidade quais são as suas demandas, e ter os responsáveis pela área da segurança

Câmara Municipal de Porto Alegre
Seção de Taquigrafia
004ª Audiência Pública 04JUN2018

pública também dizendo para nós quais são as suas atribuições, quais são as missões que estão sendo realizadas, o que esperam também da comunidade e vice-versa. Esta audiência é muito importante, porque nós vemos o quê? Não é a comunidade indo lá na Câmara de Vereadores, mas é a Câmara de Vereadores na rua, ela indo aos locais, aos bairros mais diversos fazendo essa audiência. Por certo que a gente esperava este auditório lotado, temos as autoridades que compõem a mesa, mas a gente sabe também da dificuldade das pessoas, muitas vezes elas têm outros compromissos, outras vezes a informação não chegou lá na ponta como deveria ter chegado, e isso eu recebi hoje de algumas lideranças aqui da comunidade da Restinga e do Belém Novo me dizendo que não haviam sido informadas. As audiências públicas são protocoladas, são divulgadas no Diário Oficial de Porto Alegre e nos jornais convidando todos e todas para se fazerem presentes. Se outras pessoas a gente acabou não conseguindo chegar ao nome dessas lideranças, e eu tenho certeza de que muitas lideranças não foram avisadas, realmente é porque faltam pernas, e a gente sabe que é difícil muitas vezes a comunicação chegar. Mas eu quero de pronto informar que a gente inicia com o pronunciamento das autoridades que estão à mesa. Temos 10 minutos, no máximo, para cada integrante se pronunciar para falar sobre segurança público dentro de suas áreas. E, depois, teremos 10 inscrições com o tempo de 5 minutos, para aquelas pessoas que desejarem falar, expor, solicitar, sugerir, enfim, podem se inscrever.

Os Vereadores hoje também estão dispersos. No dia de hoje está acontecendo, em alguns bairros, a discussão sobre IPTU, também neste mesmo horário. Também está acontecendo, neste momento, uma reunião sobre moradores de rua, e também sobre o Centro Histórico de Porto Alegre. Então, a Câmara de Vereadores palpita em ações e reuniões que acabam não estando todos os Vereadores no local. Então, eu abro a mesa, passando a palavra, de imediato, ao representante do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, o Promotor de Justiça da Promotoria da Justiça Regional da Restinga de Porto Alegre, o Dr. José Nilton Costa de Souza.

SR. JOSÉ NILTON COSTA DE SOUZA: (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Sou Promotor de Justiça e atuo na Vara Criminal que tem a responsabilidade de tratar dos incidentes acontecidos no Extremo-Sul de Porto Alegre. Gostaria de dizer que venho à presença de todos vocês exatamente com o objetivo de ouvir, e este, para

mim, é o maior objetivo da audiência pública: ouvir os integrantes da comunidade acerca de suas dificuldades no que diz respeito a essa área, e por certo pretendem uma resposta das autoridades aqui constituídas. Eu lamento que esta audiência reste um tanto quanto prejudicada em razão de que acredito não se tenham aqui representantes de todos bairros que se pretendem alcançar com este ato. E até pergunto, na medida que eu nominar, se tem algum representante da Aberta dos Morros. Do Lami? Chapéu do Sol? Belém Novo? Hípica? Lomba do Pinheiro? Belém Velho? Não, não é? Pois é, e isso é compreensível. Nós, que trabalhamos na área criminal, sabemos tudo o que acontece nessas comunidades, inclusive dentro da própria Restinga mesmo, onde nós encontramos essa dificuldade no que diz respeito à segurança pública e essa divisão dentro do próprio bairro. Tenho certeza que, da própria Restinga mesmo, nós não encontramos pessoas de todas as localidades da Restinga, e se sabe por quê – todos vocês sabem por quê. Mas quero dizer que isso nos preocupa, nos preocupa de sobremodo. E é com esse espírito que temos apresentado um trabalho de colaboração e de cooperação junto com a Brigada Militar, junto com a Polícia Civil. Nós tivemos uma primeira reunião – não é, Delegada? –, por certo outras tantas virão, exatamente tentando dar uma resposta na medida do possível no que diz respeito à questão de segurança pública. Nós temos também a convicção, nós sabemos dessa dificuldade e também temos ciência de que a forma de nós combatermos toda essa atividade é com o fortalecimento das instituições. As pessoas passam, o José passa, o Macarthur passa, o Gerson passa, a Shana passa, mas a instituição fica. E a partir exatamente do fortalecimento dessas instituições – talvez, Vereadora, para mim, esse seja o aspecto mais importante desta reunião –, de modo impessoal, é que vai, ao menos, apresentar a resposta melhor possível no que diz respeito a este tema segurança pública. Mas não quero, de modo algum, me alongar. Estou sequioso para saber o que os senhores e as senhoras que aqui hoje acorreram, irão nos cobrar, nos dizer, no que diz respeito a esse tema. Espero tenham essa liberdade de aqui expressar suas angústias no que diz respeito a esse tema.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Quero saudar a presença da minha colega Ver.^a Sofia Cavedon, que fará parte da Mesa. O Sr. Gerson Nadler, Delegado de Polícia da 7ª Delegacia, está com a palavra.

SR. GERSON NADLER: Uma boa noite a todos. Cumprimentando a Ver.^a Nádia, eu cumprimento todos os demais integrantes da Mesa. Infelizmente, pelo que o Promotor constatou, não temos nenhum representante da minha região, que engloba o Belém Novo, Ponta Grossa, Lami, uma parte do Lajeado. Infelizmente, não tem ninguém que pudesse até constatar alguma coisa que a gente pudesse melhorar em questão de segurança pública.

Estou na titularidade da 7ª DP há um ano e cinco meses, e fizemos algumas modificações. A gente está dando muita ênfase à violência doméstica contra a mulher. O que acontece? Como a distância do bairro Belém Novo e adjacências até a Delegacia de Atendimento à Mulher é muito longa, nós temos feito tanto as medidas protetivas quanto os procedimentos e inquéritos policiais que envolvem a vítima mulher. Assim, a gente consegue dar uma resposta mais imediata à vítima, porque o próprio inquérito já é remetido ao Fórum pela 7ª, e não passaria por uma outra delegacia que teria atribuição para o feito. Outra coisa que nós temos feito, apesar de existir hoje, na instituição da Polícia Civil, em Porto Alegre, uma Central de Termos Circunstanciados, que seria responsável por todas as infrações de menor potencial, tais como briga entre vizinhos, crimes contra a honra, também estão sendo instaurados e remetidos ao Juizado Especial Criminal da Restinga pela 7ª DP, ao invés de ser remetido ao órgão especializado, pelos mesmos motivos das questões de crimes contra a vítima mulher. Muitas vezes, pela distância, a pessoa não tem nem passagem de ônibus para ir até a Central, que fica na 13ª, na Cavalhada, para fazer a sua denúncia, ocorrência. O Promotor falou de parcerias; nós estamos fazendo, agora, numa primeira reunião, e já estamos organizando uma segunda reunião, para estabelecer essa parceria com o Ministério Público da Restinga, com a 16ª Delegacia e, principalmente, com a Brigada Militar. Essa parceria já foi feita, formalmente, nesse primeira reunião, e, informalmente, com as ações da Brigada Militar, o que deixarei a cargo do Major Macarthur, o que tem ajudado a desvendar muitos crimes. Na verdade, na cabeça do bandido, ele não faz uma vez só. No momento em que a Brigada prende em flagrante, como aconteceu agora, de sexta para sábado, nós estamos conseguindo, no mínimo, com três inquéritos policiais, desvendar a autoria, graças a ação da Brigada Militar. Isso porque aqueles mesmos que praticaram o assalto já tinham praticado, no mínimo, outros três roubos na área do Belém Novo e adjacências.

Então, num primeiro momento, queria enfatizar essa parceria que nós, órgãos de segurança pública, estamos coordenando, com relação ao Extremo Sul. Por enquanto seria isso, fico à disposição para qualquer pergunta.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): A Sra. Shana Luft Hartz, Delegada de Polícia da 16ª Delegacia, está com a palavra.

SRA. SHANA LUFT HATZ: Boa noite a todos. Cumprimentando a Ver.^a Comandante Nádia, eu cumprimento todos os demais integrantes da Mesa. Bom pessoal, estamos aqui, infelizmente, com um pequeno quórum, para debater questões acerca da nossa segurança pública. É um tema muito importante e muito angustiante. Acredito que a maioria que a maioria que está aqui é da comunidade da Restinga, mas tem gente aqui que não é do bairro da Restinga. É, todos aqui são rostos conhecidos. E são sempre as mesmas pessoas. Que bom, eu fico feliz por um lado, pois sei com quem posso contar, quando preciso, e triste por outro, porque são poucas as pessoas que participam e que realmente se interessam por esse tema e que têm disposição para se envolver e debater esse tema.

Num primeiro momento, a gente sabe a questão do pouco número de pessoas que vem aqui. Muitas estão ocupadas, muitas não se interessaram e nem ficaram sabendo da audiência pública, e outras têm medo de aparecer. Quando se fala em segurança pública, preferem, simplesmente, se esconder e não dar as caras. A gente entende o medo por um lado, e, por outro lado, além de estar aqui para ajudar, a gente também precisa de ajuda. Eu sempre digo, nas reuniões comunitárias – não é, Almerinda? Tu já cansaste de escutar isso –, que a gente precisa da participação de vocês. É a comunidade que movimenta a Polícia, o Ministério Público, a OAB e a Brigada Militar, primeiramente. A nossa atuação é voltada para atender ao público. Então, se numa localidade está tendo uma incidência muita alta de violência doméstica, essa vai ser a prioridade naquela localidade. Se uma localidade está com muitos problemas em função das drogas, essa vai ser a prioridade dos órgãos que atuam em torno da segurança pública. E assim a gente vai indo. A gente sabe que existe uma chamada lei do silêncio pela qual, muitas pessoas, por medo, por receio de represálias, preferem não dar as caras, preferem ficar escondidas. Esse medo é real: as pessoas, realmente, temem o mal que possa

acontecer. Só que a gente precisa da ajuda de vocês, nem que seja da forma anônima; a gente precisa da colaboração da sociedade, para ajudar e para saber como atuar. Então, a pessoa, normalmente, só procura a Brigada ou a Polícia Civil, quando acontece alguma coisa, diretamente, envolvendo a si próprio ou alguém muito próximo. Isso para nós não é bom, é muito ruim. Quando a pessoa chega lá desesperada, qualquer ação que a gente for fazer, que a gente for adotar é tardia. Então, eu tomo como exemplo a questão dos condomínios. Nos condomínios, muito já se fez, muito vai ser feito ainda, só que é muito difícil atacar, pois se chegou a um ponto em que nós não conseguimos mais atuar de uma forma efetiva como gostaríamos. Outros condomínios estão sendo criados, outros implementados, e nós estamos tentando atacar desde o início, para tentar evitar se criar uma bola de neve, como já foi criado em alguns outros que a gente não consegue mais atacar do jeito como gostaríamos.

Gostaria de salientar a participação de quem sempre participa, como o grupo das Mulheres da Paz, que está conosco há anos, sempre dando as caras, sempre enfrentando o problema. Gostaria também de nos colocar à disposição. A Delegacia está sempre de portas abertas. Eu brinco que lá as pessoas não precisam chegar sempre com notícias ruins, as pessoas podem nos visitar, podem conhecer a Delegacia, podem ir trocar uma ideia ou simplesmente ligar e fazer uma denúncia anônima, para dizer alguma coisa que está incomodando. Assim, a gente consegue fazer uma espécie de mapa, para conseguir atender melhor a comunidade. E como já foi dito aqui, pelos colegas, estamos aqui para ouvi-los sobre as reclamações, demandas da sociedade. Assim, tentar melhor e ajudar todo mundo. Muito obrigada.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): O Sr. Leandro da Cruz Soares, representante da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Rio Grande do Sul, está com a palavra.

SR. LEANDRO DA CRUZ SOARES: Boa noite a todos e a todas aqui presentes. Realmente, o quórum está baixo. Eu, particularmente, não sei o motivo, não sei se foi por falta de informações, se não panfletaram, não entraram em contato com o Fórum de Segurança, com a comunidade da Restinga. O que a gente consegue perceber, e a Dra. Shana já questionou isso, é que todos, na verdade, são da Restinga. A gente não vê as

peças das outras comunidades. Isso nos deixa um pouco entristecidos, mas a gente não pode parar, tem de continuar e seguir em frente. Gostaria de agradecer o convite, Ver.^a Comandante Nádia, pois é importante este espaço dentro da comunidade, ou seja, a comunidade não ir a determinado local, mas nós virmos aqui. Isso é importante, não sei se acontecerá de novo, mas esse momento não deve ser esquecido e devemos continuar sempre. A OAB apoia toda a providência relativa à segurança pública, enaltecendo sempre o que o Presidente Breier sempre fala, que a segurança se faz com o pessoal bem preparado. A Polícia Civil, a Polícia Militar, a Guarda Municipal, todos esse órgãos estão muito bem preparados. O bandido, como o delegado falou, está muito bem armado, então a Polícia Civil, a Polícia Militar, a própria Guarda Municipal tem que estar preparada para isso, e precisa de recursos. É óbvio, eu sou membro da Comissão de Direitos Humanos e respeito os direitos humanos. A doutora mencionou a questão dos condomínios da Restinga, e acredito que na quase totalidade deles o tráfico está tomando conta. Sei que foi feita uma grande abordagem ao final do ano passado, lembro que o Delegado Marco até estava aqui com a senhora, e em que pese eu seja advogado, não defendo o bandido – sou advogado criminalista –, defendo os atos praticados pelos infratores. Faço algumas audiências com o Dr. Nilton, e o Dr. Nilton muito me espelha, porque o senhor é um promotor que nunca vi, pelo menos até hoje, ir para o embate físico, sempre no plano das ideias. Eu gosto muito de fazer audiência com o senhor e com a Dra. Camila por este sentido.

Por fim, a OAB está à disposição, a OAB é parceira para o que der e vier, e estamos aqui para colaborar e ajudar. Terminando agora: meu tio-avô foi um dos primeiros delegados de polícia da Restinga, Francisco Alves da Cruz. Foi um dos primeiros delegados negros, e isso é uma grande representatividade para mim, por ser morador da Restinga, por ser advogado, estar aqui sentado com vocês. Muito obrigado pela presença de vocês. Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): A gente fica também conhecendo a história, Doutor. Coisa boa, isso é importante. Relembrando que hoje a Câmara de Vereadores está vindo aqui na Restinga, esta audiência pública já aconteceu na área do 1º Batalhão, do 19º Batalhão, do 11º Batalhão, e ainda teremos mais duas audiências públicas, e por certo, doutor, não se encerrarão. Os Vereadores têm a obrigação de não

só ficar na Câmara de Vereadores, mas ir às comunidades ver as suas demandas nas mais diversas áreas. Hoje, aqui, por acaso, é a segurança pública.

Passo a palavra ao Sr. Major Macarthur Vilanova, Comandante do 21º Batalhão da Polícia Militar.

SR. MACARTHUR VILANOVA: Boa noite a todos e a todas. Comandante Nádia, é uma satisfação muito grande poder estar aqui e também lhe receber na nossa comunidade, no batalhão que eu comando, na comunidade da Restinga. Eu a cumprimento e cumprimento a todos da Mesa para que não percamos muito tempo; e quero cumprimentar também a comunidade que está aqui, acho importante. E aqueles que não puderam vir, todos têm seus afazeres, e talvez não tenham alcançado a divulgação para todos. Aqueles que estão aqui, acredito que representam bem a comunidade da Restinga. Uma pena não estarem os outros bairros aqui para que a gente pudesse conversar e receber as demandas de todos.

Quero cumprimentar a D. Almerinda, uma grande amiga e parceria que acompanha o bairro todo, se preocupa com a sua comunidade. Isso é importante. As pessoas têm que entender que a senhora não se preocupa com os órgãos de segurança, a senhora se preocupa com a sua comunidade, com o bem estar dela e luta por ela. O André também comentou agora que faz parte da Secretaria de Segurança do Município, também é importante estar aqui. Quero dizer que estamos entrando na nossa sétima semana de comando do Batalhão, nos apresentamos aqui quase no final de abril para assumir o comando, Batalhão que tenho muita honra de vir comandar, porque fui aspirante aqui em 1994, aqui foi minha unidade-mãe e tenho um compromisso moral muito grande comigo, com essa unidade e com a comunidade com quem aprendi a conviver, pois morei por cinco anos na região, no bairro Chapéu do Sol, e conheço a comunidade e seus problemas. Vou lhe dizer, Ver.^a Comandante Nádia, que meus índices de criminalidade na área de comando do policiamento da Capital, nos bairros Hípica, Belém Novo, Chapéu do Sol, Restinga, Lami, é onde conseguimos ter os menores índices de criminalidade de toda a Capital. Para vocês terem uma ideia, na semana passada nós tivemos uma média de 30 roubos de carros nas outras unidades, uma média da semana, e na nossa região, que pega desde a Av. Cristiano Kraemer, Victor Belara, da Parada 21 para cá, até Itapuã, que é no Cantagalo, uma área que representa 43% da área de Porto Alegre, tivemos, nos

Câmara Municipal de Porto Alegre
Seção de Taquigrafia
004ª Audiência Pública 04JUN2018

roubos de carro, zero ocorrências. São dados estatísticos que não me deixam mentir. Para terem uma ideia, tivemos, no mês de maio, comparando com a unidade que vi que é o 9º Batalhão, onde estive por dois anos como Sub-Comandante, tivemos, no mês de maio, 498 assaltos na região central de Porto Alegre contra 68 assaltos na minha região. Isso são dados estatísticos que estão no Sistema Avante da Brigada Militar, que são colhidos de todas as ocorrências que as pessoas fazem junto da Polícia Civil ou com a Brigada Militar. Quero dizer que as pessoas às vezes têm um estigma muito grande: “Ah, porque lá na Restinga tem assalto, tem problemas”. Vou dizer que hoje, nesta região, é o melhor lugar de se andar, de se passear de carro, de se viver. Temos que quebrar esse paradigma, esse estigma de que aqui é ruim. Aqui é bom, aqui é muito bom! Aqui as pessoas se conhecem, a comunidade é unida. Nós temos problemas? Sim, como em todo bairro, tem a gangue do fulaninho, tem a gangue do beltraninho, tem a gangue do zezinho. Assim como tem aqui, tem em qualquer bairro. Assim como a droga assola os Estados Unidos, a Venezuela, a Bolívia, a Argentina, o Uruguai, a venda de drogas. Tem. Nosso problema é que tem porque tem demanda. Tem porque tem gente que consome. Nós temos é que parar de consumir drogas. Nós temos que olhar para nossos filhos, para nossos vizinhos, para o amigo, para o amigo do meu amigo, para o meu companheiro, e dizer: Para de consumir droga. O consumo de drogas é que gera a demanda, e quanto maior a demanda, maior é a briga por espaços, porque querem vender mais, querem o melhor espaço para vendas. E aí acontecem as brigas que a gente vê todo o dia em toda Porto Alegre. Então quando dizem assim: “Deu morte, deu tiroteio”, como encontramos hoje, um homicídio na nossa área, aí quando se vai ver o histórico da pessoa, não é nenhum trabalhador, não é uma pessoa do bem, da comunidade. Na verdade é aquele camarada que vive no meio da droga, que vive da venda, que não acerta com quem vende, é lá naquele meio. Aqui, temos trabalhadores, pessoal da comunidade, e quero apresentar para vocês que meu trabalho aqui, desde que cheguei, é trabalhar para a comunidade. Eu mudei um pouco a cabeça dos meus policiais, temos conversado muito, e temos trabalhado todo o dia a questão do início da manhã, das 6h às 9h dando uma atenção às paradas de ônibus, que é quando a minha comunidade vai trabalhar, vai para o centro de Porto Alegre, então tem que dar atenção. Onde é que tem que estar a Brigada Militar? Onde é que tem que estar o policial? É cuidando o eixo das paradas de ônibus para as pessoas não serem assaltadas. A partir das 9h até as 19h, damos uma atenção

ao comércio da Restinga, da Hípica, do Lami e do Belém Novo, que é onde as pessoas estão trabalhando, quem mora aqui e está trabalhando, quem está empreendendo na nossa região, quem gera riqueza, quem traz dinheiro, quem traz prosperidade para nossa região, então vamos dar proteção para que as pessoas possam ir ao mercado, para que as pessoas possam ir ao comércio, fazer suas compras com segurança. E, a partir das 19h, tenho o cuidado para que minhas unidades, minhas viaturas, meu efetivo, esteja, das 19h até as 21h cuidando das paradas de ônibus, porque é quando o meu pessoal, a minha gente, o meu povo, a minha comunidade está retornando do trabalho, cansados de uma jornada de dia inteiro, vai descer na parada. E ela desce onde? Desce no mercado, porque tu desces para comprar alguma coisa no mercado, pegas a sacolinha e vai a pé para casa. E daí, nesse trajeto, vai ter um malandro, vai ter um piá, vai ter um guri com uma faca na mão, com uma arma para assaltar o camarada, e é onde eu tenho que estar dando atenção. E depois das 10h da noite, o trabalhador vai estar em casa – aí temos o patrulhamento nos bairros, nas residências. Esse é o nosso *modus operandi*, é o modo como temos trabalhado, e que tem nos dado um retorno muito grande. Nós participamos também de alguns grupos da comunidade e tenho feito um trabalho junto aos grupos de apresentar um pouco do trabalho que fizemos no dia. O que a Brigada Militar fez naquele dia, o que a Brigada Militar aqui na nossa região fez. Então tenho o costume de postar no grupo as nossas ações, onde nós andamos, porque cada um dos senhores, durante o dia, está trabalhando, e às vezes não consegue enxergar onde está a Brigada. Eu entro numa escola e fico dando aula o dia todo, não enxergo a Brigada durante o dia, só enxergo quando chego no serviço ou quando saio. Se por acaso eu não enxergar uma viatura da Brigada neste horário, parece que não teve policiamento. Então nós colocamos no grupo todas as nossas ações, o que vamos fazer, o que andamos prendendo, onde andou a Brigada Militar. Temos aqui a patrulha Maria da Penha, também, que nos acompanha na região, tem um excelente trabalho. Eu tenho uma patrulha escolar que visita todas as escolas da região, nós temos um mapa, mapeamos todas elas, passando por todas as escolas. Nós já tivemos reunião com as 40 diretoras de escolas, já fizemos uma reunião com todas elas, em que conversamos, acertamos, elas têm meu telefone. Então, nós temos nos ajudado. Eu preciso da ajuda de vocês, para que eu possa ajudá-las.

O mais importante – e o nosso Promotor já falou, os delegados falaram – é o seguinte: a comunidade, sempre que tiver algum problema ou alguma ocorrência, tem que registrar. É

importante que vocês façam o registro das ocorrências, porque esse registro vai para as nossas estatísticas, e, em cima das estatísticas, é que nós trabalhamos: onde eu vou aplicar melhor o meu policiamento.

Dito isso, estamos à disposição no Batalhão, ficamos à disposição da comunidade. Temos recebido, na área do Batalhão, algumas lideranças comunitárias que têm ido lá conversar conosco não para nos dizer o que está acontecendo, mas para trazer informações, para que possamos trabalhar e melhorar para todos vocês. Muito obrigado, boa noite a todos. Parabéns, Comandante Nádia, pela reunião sobre a segurança da região. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): É importante ouvirmos a comunidade para sabermos das demandas, solicitações, sugestões, críticas.

O Sr. Felipe Soares, da Casa Emancipa, da Restinga, está com a palavra.

SR. FELIPE SOARES: Boa noite a todos. Sou morador da comunidade, sou *rapper* ativista, produtor musical também em questão de movimentos e eventos na comunidade. Estou representando a Casa Emancipa, onde mantemos um trabalho. Eu estava falando com a Cris Machado: estou devendo a parte *hip-hop* dentro da Casa Emancipa. Mas hoje aqui, na verdade, como é a parte da segurança, eu vim fazer um breve questionamento. Eu faço a Batalha da Esplanada, um evento social que faço, comunitário, não é uma abrigo, é uma batalha de MCs, já vai fazer dois anos que faço esse evento. Toda vez que faço, largo um ofício na Brigada, um ofício no Cecores ou no CAR Restinga, pedindo autorização sempre. Hoje aqui, na verdade, eu quero falar diretamente com o Major: boa noite, Major! Os outros comandantes que estavam no Batalhão, sempre eu chegava e largava o ofício para eles, e eles sempre me retornavam, dizendo que ia passar uma viatura. O que acontece? A viatura passa – não vou aqui dizer que não tenha que passar. Eu sei que tem uma imagem muito ruim entre o pessoal do *hip-hop* e o pessoal da Polícia Militar – o Exército não sei como funciona. Eu como *rapper* ativista, moro na comunidade, tenho filho adolescente também, eu tento explicar a essência da Polícia Militar e da comunidade, que a gente necessita um do outro. O movimento *hip-hop* é um movimento em que a gente não pode ter preconceito. No momento em que eu tiver preconceito com um brigadiano, policial militar ou policial civil, eu estou sendo preconceituoso, e no *hip-hop*

pág. 11

não podemos ter preconceito. Só que têm ainda, como vou dizer, alguns colegas do *hip-hop* com esse pensamento fechado em questão da Brigada Militar. Não tenho como mudar isso. Eu posso tentar implantar e trabalhar em cima disso, só que sozinho não tem como.

Então, não adianta, quando eu levar o ofício na Brigada, pegar o meu nome, a minha identidade; para mim não estão me ajudando, estão pegando o “culpado”, porque, se acontecer alguma coisa, a culpa é minha. Eu não me nego de ficar ali como representante, porque eu consigo trabalhar com os meus. Só que, se a Brigada não está ali, passou só uma viatura e um brigadiano, eu não lembro se era sargento, ele brincou, disse que dançava, foi *show* de bola, porque ele interagiu com a gente, ficou dançando, como acontecia com o pessoal da Brigada que participa (Ininteligível.), é *show* de bola isso.

Então, eu acho que, em vez de trazer problemas, a gente tem que se envolver junto. Problema em todo lugar tem, e não vai mudar. Eu estou aqui há 24 anos na Restinga, e não vai dar mudar. Perdi muitos amigos, perdi amigos que morreram nessa função, tenho amigos que, graças a Deus, cresceram comigo e estão casados, são pais de famílias. A gente sabe que, de dez, um não se salva, não tem o que fazer, é estatística. Mas, se a gente tentar se ajudar, porque... Eu não faço por mim, não me candidato a nada, não quero nada, eu faço pelo meu filho, tenho um filho adolescente; tenho filhos menores, e um dia meu filho vai ter filho. Eu tenho parentes adolescentes, tenho crianças na minha família. Então, eu não faço para mim, e sim pela comunidade, a comunidade necessita de cultura. Mas a cultura se envolve com segurança também. Eu, sem segurança, não consigo fazer cultura. Era isso que eu queria deixar para vocês. Se vocês puderem me ajudar, eu agradeço. Boa noite.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Muito obrigada, Felipe, excelente. A Sra. Aline Soares, do Centro Infante Juvenil Monteiro Lobato, está com a palavra.

SRA. ALINE DA CRUZ SOARES: Boa noite. Eu quero agradecer, acho que é uma oportunidade única que temos de estar fazendo uma Audiência Pública aqui na Restinga. Infelizmente, a comunidade da Restinga não se encontra, e não porque não queira, e sim porque a divulgação não chegou na ponta. Eu acredito que é uma questão de horário. Se

a gente fizesse essas atividades à tarde, eu acho que muito mais gente, muito mais trabalhadores participariam. Enfim, acho que isso é o começo, acredito que a gente poderia fazer uma outra Audiência Pública em outro horário, porque é importante.

Outra coisa que é importante também é a gente pensar em fazer uma análise de conjuntura de como é que funciona e de como já funcionou a segurança pública na Restinga. Acho que isso é importante. Não adianta a gente vir, aí cada um expor, falar o que acha, o que não acha. Temos que trazer dados, é a partir dos dados que a gente consegue trabalhar melhor. Eu trabalho na coordenação do trabalho educativo com adolescentes dos 15 aos 17 anos em situação de vulnerabilidade social, na sua maioria adolescentes negros aqui da Restinga. E a gente tem aqui na Restinga – não é novo para ninguém – um genocídio da juventude negra. Quantos adolescentes – não sei se aqui, alguém da mesa teria esses dados – nesses últimos a Restinga já perdeu em função desse tráfico de drogas, que mata a nossa gurizada? Nesses dois últimos anos, aqui no Monteiro, a gente perdeu oito adolescentes.

E aí um questionamento que eu faço para o Comandante, porque ele disse assim: “Ah, não, vamos falar para nossos adolescentes não usem drogas”. Se fosse tão fácil assim, não é? Os nossos adolescentes, na sua maioria, não têm possibilidades. O adolescente que tem possibilidade de escolha, está perfeito, ele pode escolher: “Não, não vou usar drogas”, ou “Vou usar”, mas aquele adolescente que não tem possibilidades? Não é o caso, gente, de simplesmente dizer para eles não usem drogas, se é a única possibilidade, a única fuga que ele tem. Então, é de a gente repensar algumas coisas e as nossas práticas, porque a segurança pública não é apenas a gente prender. (Ininteligível.) nas esquinas, nas paradas, eu acho que é muito mais do que isso, temos que pensar um pouco nisso. É de a gente pensar e tocar de novo. Na Restinga, o tráfico de drogas mata muitos dos nossos adolescentes, e a gente precisa abrir muito os olhos para isso. A gente não precisa ser jovem, a gente não precisa ser negro para se ligar nisso. Tem uma camiseta – hoje não estou com ela – que diz: “Reaja ou seja morta”, “Reaja ou seja morto”. Ou a gente reage com coisas palpáveis para que a nossa juventude pare de morrer por esse maldito tráfico de drogas, ou a próxima vítima pode ser um de nós, ou nossos filhos, ou nossos adolescentes. Muito obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Obrigada, Aline. Estamos ouvindo a comunidade, após passaremos à Mesa para responder às demandas.

A Sra. Adecilva da Silva Conceição, do Conselho Municipal da Saúde, está com a palavra.

SRA. ADECILVA DA SILVA CONCEIÇÃO: Boa noite a todos, da Mesa, todos estão cumprimentados. Sou do Conselho da Saúde, representando a Restinga, e represento vários outros dentro da Restinga, como PLP, dos conflitos dentro da Restinga. Hoje cheguei um pouco atrasada aqui, quero pedir desculpas, eu estava em outra reunião, a gente está numa organização do GT pró-Restinga. A gente está fazendo uma reunião para dizer: “Acorda, Restinga!”. O povo está muito acomodado, dá para ver aqui meia dúzia de pessoas, mas é só da Restinga, as mesmas pessoas de sempre, para milhares dentro da Restinga para trabalhar. Então, a gente está se organizando. Na sexta-feira, às 18h30min, na Amovir, tem uma reunião da comunidade sobre isso aí “Acorda, Restinga!”. A gente tem muita coisa para dentro da Restinga, mas meia dúzia de pessoas não tem perna para fazer tudo que se precisa.

Como a comunidade tinha as Mulheres da Paz – eu sou uma delas, também a Almerinda e várias outras colegas –, a gente tirou muita criança, jovens da rua, das esquinas. Nós encaminhamos para escola, para curso, e aquilo ali durou, enquanto estava muita criança fora da rua, um ano, e aí o jovem voltou, e muita criança hoje não existe mais. É a tristeza que temos, é um projeto que vem e vai, é um projeto que tinha que continuar, principalmente para os jovens e para as crianças.

A gente agradece a Brigada, ao Comandante, ao Jorginho, que está sempre girando em prol da comunidade. A Brigada está sempre para cá e para lá, não deixa a gente descoberta para nada. Agradeço à doutora, ao Guarneci e demais colegas, porque nem sempre posso estar ali dentro 24 horas, sou presidente da Associação de Crianças com Deficiência, dou aula para eles, dou atenção para eles; de manhã é turno inverso, fico na Associação.

A gente, quando pode, se organiza entre as comunidades, entre as lideranças para ir às reuniões. Umas vão para cá, outras vão para lá, e hoje tem gente espalhada por tudo que é canto, principalmente do IPTU, que estão discutindo. A Nídia, a Kelli foi para lá, eu vi

para cá. Então, a gente faz isso ai, é isso que queria dizer. Muito obrigada pela força de vocês, pena que não tem mais gente. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Obrigada, Adecilva. O Sr. Jorge Cristiano Oliveira, da Comissão de Educadores do Hip-Hop Restinga, está com a palavra.

SR. JORGE CRISTIANO OLIVEIRA: Boa noite a todos e a todas. Sou representante da Comissão de Educadores do Hip-Hop, também represento aqui o Fórum Permanente de Hip-Hop do RS. Desenvolvemos algumas atividades na Restinga e também fora dela, em comunidades de Porto Alegre, que visa exatamente a mobilizar os jovens e fazer com que eles entendam a importância que têm dentro das suas comunidades. E o que nós temos visto é que todos esses cortes que o nosso querido Prefeito fez só contribuíram para que aumentasse a violência, o uso de drogas, a mortalidade dos jovens negros. É isto que está faltando: investimento em atividades culturais. Aqui, na Restinga, a gente desenvolve a Festa da Baltimore, que é uma das principais datas comemorativas de Natal, festa das crianças, a gente mobiliza a rua inteira, atendemos de 300 a 500 crianças só com doações dos moradores, onde desenvolvemos ações culturais, sociais.

Quanto à participação da Brigada Militar, eu até acho que está bem legal, agora mesmo (Ininteligível.) da Restinga Velha. Hoje, quando vinha subindo, passaram de moto, fazendo a ronda, passando pelas ruas da Restinga Velha. Acho que a Brigada tem que tentar se aproximar um pouco mais das lideranças. Existem muitas ações que a gente faz aqui na comunidade que, se tivessem um pouquinho mais de apoio, poderiam abranger e ter um resultado maior.

O que a gente sente também são as perdas: o Senai, que saiu aqui da Restinga, que profissionalizava muitos jovens. Agora vou fazer uma fala de um amigo do Ação Rua que não pôde estar aqui, que o Prefeito está querendo tirar a Guarda Municipal da Escola José do Patrocínio para mandar lá para a orla do Guaíba. É uma escola que fica no meio da comunidade, que precisa ter segurança, e o nosso querido, amado, idolatrado Prefeito quer levar lá para a orla, onde não é tão preciso. Que a Câmara de Vereadores – que bom que a Sofia está por aqui, uma guerreira, está sempre na luta – pudesse levar essa questão dos cortes. Sobre a própria FASC, nós ficamos com 480 crianças, de janeiro até agora, sem atendimento porque ele fechou os CRAS. Abriu agora há pouco, entregou

para a igreja, mas, de janeiro até um bom pedaço do ano, não teve, as crianças ficaram sem atendimento em todas as comunidades, não só na Restinga.

Acho que a gente – discordo da palavra da amiga e do amigo ali – consegue mudar, sim, porque eu já vivi na Restinga num tempo em que não tinha tanta mortalidade, tanto assalto. Tenho 43 anos, minha família veio em 1965, quando construíram a Restinga. Meu pai e minha mãe vieram com as primeiras famílias lá da Ilhota, ganharam uma casinha toda quebrada ali na Restinga Velha, havia uma Delegacia só, e não se tinha tanta mortalidade, mas tinha investimento. Depois foram vindo vários projetos sociais, existem muitos projetos sociais na Restinga, mas a maioria deles teve corte, aí isso acabou respingando nas crianças e nos adolescentes. Então, na verdade, o que a gente precisa é de investimento nessas ações que já existem e abertura de novas ações voltadas para a profissionalização desses adolescentes, trabalhando com muita arte e cultura, que é o que abrange. Em 2016, foi cortada toda a verba da Semana da Restinga, mas colocamos oito mil pessoas na Esplanada da Restinga certa vez sem nenhuma incidência policial. Claro que já houve dias e tal, mas a gente tem que ressaltar o que acontece de bom na comunidade. Nós temos uma outra atividade que a gente auxilia e que acontece na cancha de basquete do Barro Vermelho, que é o Samba da Sede, onde a gente está colocando de mil a duas mil pessoas, duas vezes por mês, sem ter nenhuma incidência. Esses adolescentes vão para lá, eles se divertem, brincam, curtem atrações culturais da comunidade e de fora da comunidade, e, naquele dia, não se tem nada de violência naquele canto, que é um espaço que todo mundo sabe que é perigoso, que tem lá seus problemas de violência, de drogadição, mas, naquele dia, os quatro cantos da Restinga se reúnem lá, e não acontece nada de errado. As pessoas conseguem se divertir das 6 da tarde às 6 da manhã sem ter nenhum problema.

Então, o que a gente precisa mesmo é se aproximar mais desses três Poderes para poderem nos dar subsídio, para a gente pode desenvolver essas ações e juntos, a gente tem que trabalhar junto. Eu gosto de falar aqui do Coronel Amorim, que foi uma pessoa muito especial nessa comunidade, ele conseguiu aproximar das lideranças, não que o senhor não esteja se aproximando. Eu chego tarde da faculdade, estou fazendo pós-graduação em história antiga, chego pela uma, duas horas da madrugada, acabo encontrando alguns policiais quando desço, até gosto disso, acho que é melhor quando eles circulam pela comunidade, mas tem que tentar se aproximar mais das lideranças,

porque assim vai surtir muito mais efeito as ações, a Brigada vai ser mais bem-vista. O Coronel Amorim conseguiu fazer isso, aproximou a 21ª das lideranças, da comunidade, e se teve muita coisa boa a se falar da Brigada. A gente precisa que haja mais investimento, que esses três Poderes possam vir para a comunidade para trabalhar junto com a gente, aí, sim, a gente vai conseguir reverter. Eu acredito, a gente não pode desacreditar que não tem como reverter, a gente tem como reverter, sim. Tem muita gente boa na Restinga, são quase 160 mil moradores, e não dá para pensar que são todos ruins. Os nossos jovens não são ruins, eles precisam de incentivos. Converso muito com os jovens, sou educador desde 1990, trabalho com criança e adolescente em situação de rua, risco ou vulnerabilidade social, e o que escuto muito deles é que não têm como sair da esquina porque é dali que tiram o dinheiro para sustentar a família, naquele momento a mãe não está com fome, o irmão não está com fome, mesmo ele sabendo que talvez amanhã não esteja ali. Isto foi o que ouvi de um jovem: “Hoje o meu irmão tem comida, a minha irmã, a minha mãe têm comida, e eu estou bem vestido”. Então, temos que pensar projetos que possam, além da profissionalizar, também dar um auxílio financeiro para que eles achem interessante sair da esquina. O contraponto tem que ser mais interessante do que o que está sendo apresentado para eles no dia a dia. Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Obrigada, Jorge. Estava falando com a Delegada Shana, estão construindo o Centro da Juventude, que tem como escopo, como objetivo fazer exatamente isso que o Jorge Cristiano está dizendo: dar uma opção para a juventude de não entrar na droga, ter um centro da juventude que trabalhe com *hip-hop*, com samba, com capoeira, enfim que trabalhe com uma profissionalização, que trabalhe com arte, cultura, com essa juventude aqui da Restinga, do Belém, da Aberta dos Morros, para possam ter uma ocupação que não seja nas drogas. A Sra. Almerinda Lima, representante do Fórum da Segurança da Restinga, está com a palavra.

SRA. ALMERINDA ROSA DE LIMA: Quero cumprimentar a Comandante Nádía, uma amiga especial minha; cumprimentar a Delgada Shana, que amo de paixão; as outras colegas da Mesa, o Major que agora está sendo bem aceito na comunidade. Faço parte dessa vida da segurança há oito anos, eu me apaixonei por esse tema, eu me apaixonei

por essa pasta. Comecei a conhecer a segurança com as dificuldades deles. Entrei dentro do batalhão, vivo dentro do batalhão e vivo dentro da delegacia também, sou tipo uma fiscalizadora, eu fiscalizo. Não que eu interfira no serviço dele, pelo contrário, a gente senta e trabalha junto. Eu, como representante do Fórum, represento toda a comunidade da Restinga, eu ando em todos os cantos da Restinga, eu conheço todos os cantos da Restinga, eu converso com o traficante, eu entro na casa das pessoas, eu era Mulher da Paz, não trabalhava só com o jovem, eu trabalhava com a família. Então, eu peguei aquilo ali e comecei a seguir. Hoje eu sou mediadora de conflitos, se tiver que me sentar com a gurizada na esquina, no meio do tráfico, eu vou sentar, gente, eu não tenho medo deles, porque eles me respeitam. Hoje eu converso com todos, eu sei quem é quem, quadrilha por quadrilha na Restinga, eu sei. Mas eles me conhecem, eles sabem que eu só falo de segurança, eles sabem da minha integração com a polícia, com a Brigada Militar, com a Polícia Civil, mas eu não estou lá para repreender eles. Muito pelo contrário, eu tenho que acolher, tenho que escutar, se eu tentar ajudar, eu vou ajudar, eu vou apoiar eles. Cada major que passou, cada comando que passou, a gente acolheu eles, não veio de baixo, eles entraram para dentro da comunidade, eles foram acolhidos. A gente tem esta mania: quando chegam na comunidade da Restinga, a gente acolhe todo mundo.

Eu fico triste hoje por esse desmonte, eu posso dizer isso, porque eu sou bem clara, é um desmonte, porque não teve integração com a comunidade, não teve Fórum de Segurança, não teve as lideranças. Hoje poderiam estar os serviços da comunidade aqui, porque a gente, quando trabalha... Eu, como Fórum, sempre procuro trazer todos para dentro do Fórum, independente de quem sejam. Hoje o único professor de escola que está aqui é esse professor, é o único. Poderiam estar aqui mais escolas, jovens, a gente tem que tentar mudar isso aí, entendeu? Conversar mais com a comunidade, construir junto com a gente. Eu fiquei sabendo desta reunião num grupo de Whats. O Leandro que insistiu, porque eu não viria. Eu disse: “Eu vou ter que ir para dar o meu depoimento, eu vou ter que conversar, eu tenho que falar”, porque eu sou de briga. O major está me conhecendo, ele sabe, a delegada Shana sabe, então, o Fórum de Segurança integra todas as partes da Restinga. Ele vai para dentro de condomínios. Se me chamam dentro de condomínio, a gente chama a Brigada Militar, a gente chama a Guarda Municipal, a gente chama todo mundo, para a gente escutar o que eles querem.

Eu acho que a gente tinha que mudar um pouco esta visão de chegarem na nossa comunidade... Chegarem! Gente, é a nossa casa, eu acho que a gente tem que acolher as pessoas, mas a gente quer também construir com as pessoas. Eu deixo um convite para vocês, gostaria muito que viessem no Fórum de Segurança, para ver o nosso trabalho, o jeito que a gente comanda a nossa região. O comando do major, todo o território dele está excelente. Eu posso dizer isso porque acompanho. A gente tem um grupo de Whats dos moradores no Fórum de Segurança, em que ele mostra o trabalho dele, ele está mostrando, tem depoimento do Lami, tem depoimento da Hípica, pena que essas pessoas não estão aqui hoje para fazer esse depoimento. Quer dizer que a gente está andando bem. A gente sabe das dificuldades da Brigada Militar, a gente sabe das dificuldades da Polícia Civil. Faltam serviços? Faltam! Delegacia da Mulher, que deveria estar aqui, que a gente está brigando há anos, não é, delegada Shana? Há muito tempo, a gente está brigando. Vai uma viatura lá para o Centro, e aí como é que fica aqui? A Guarda Municipal teria que estar aqui junto, teria que estar aqui.

A gente não tem que abranger a segurança só de repressão. A gente debate muito isso, não é, Major? Lâmpadas queimadas, buracos na rua, tem várias coisas que a gente tem que tratar com a segurança. Não é só a repressão, prender, fazer isso, fazer aquilo. Não, na segurança, a gente trabalha com várias coisas, isso a gente está tentando mudar junto com o major e junto com a delegada Shana. Eu acho o trabalho deles excelente, só que a gente tem que dar reforço para eles, porque a comunidade apoia. Se tiver que buscar, a gente busca, porque muitas vezes a gente buscou viatura, a gente já conseguiu alojamento, a gente fez um alojamento com o Coronel Amorim, nós fomos buscar isso aí. É uma comunidade bem forte, bem unida, só que tem que ter integração da Câmara de Vereadores. Eu gostaria que tivesse outras vezes, para a gente debater outros tipos de coisas, junto com a segurança, serviços, os serviços teriam que estar aqui junto, para ouvir: há luzes apagadas, árvores tapando as lâmpadas. Então, tem muitas coisas que a gente tem que discutir. Só que tem que ter mais gente nesta Mesa, para a gente poder discutir. Isso era o que eu queria deixar para vocês. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Excelente, Almerinda. Já faz oito anos que a Almerinda está no Fórum da Segurança, conhece bem, e é uma das coisas que nós batemos bastante, que segurança pública não se faz só com a Brigada Militar, com a

Polícia Civil, mas se faz com poda de árvores, corte de grama, praças bem iluminadas, ruas bem iluminadas, e isso diz respeito à Prefeitura. É por isso que nós, Vereadores, estamos aqui para escutar e para levar essas demandas. Seria importante dizer – depois podem nos passar, se for possível – quais ruas estão precisando de calçamento, de saneamento, escolas e creches onde estejam faltando vagas, que isso também é segurança; as ruas onde lâmpadas precisem ser trocadas, porque isso também auxilia a Polícia Civil, auxilia a Brigada Militar, e a gente sabe que isso é importante.

O Sr. André Ribeiro, da Secretaria Municipal de Segurança, está com a palavra.

SR. ANDRÉ RIBEIRO: Boa noite, Vereadores, delegados, comandantes, representantes do Judiciário e moradores. Enquanto não morador, porque não sou morador da região, sou ex-morador, mas sou representante dos serviços na região, vou fazer um apanhado de algumas coisas que as pessoas colocaram. Eu represento a Secretaria Municipal de Segurança, que tem aqui o serviço também da Guarda Municipal, que trabalha nas escolas, postos de saúde, unidades da FASC, também faz o patrulhamento de algumas áreas públicas e abertas, ou seja, a orla do Guaíba, as praias, algumas praças, então, tem uma atividade também da Guarda. É um pouco menor do que a da Brigada, um pouco menos visível do que a da Brigada e, talvez, como está iniciando dentro da área de segurança pública, menos vista e pouco reconhecida. Mas uma coisa que nós temos forte na região são os espaços e os canais de diálogo de construção comunitária, que seria o Fórum, coisas que as pessoas já colocaram. Eu trabalho nestas três regiões – Extremo-Sul, Restinga e Lomba do Pinheiro – e tenho exemplos que posso dar. Na Lomba do Pinheiro, nós não temos um Fórum de Segurança tão forte quanto esse, mas nós temos um conselho comunitário das escolas muito produtivo, tanto que dali a gente tira deliberações que a comunidade escolar leva para a sua casa e acabam surtindo efeito. Na Extremo-Sul, o delegado Gerson é parceiro lá, algumas reuniões do Fórum de Segurança da Extremo-Sul, não tão cheio quanto o Fórum de Segurança da Restinga, mas a gente consegue discutir, dialogar e apontar soluções. Nós temos até o exemplo da situação da delegacia, que o pessoal cobrava o fechamento, que, na verdade, não fecha, então, a gente pode usar até como canal de comunicação das atitudes que se tomam. E aqui a gente tem essa construção muito boa, tem o exemplo da Dona Almerinda, de todo o trabalho que ela faz junto com a comunidade.

O que eu quero não é só fazer um histórico dessas ferramentas, mas dizer o quanto a gente reúne, neste espaço, comunidade e Executivo, são os prestadores de serviço da segurança. Vou estar eu, enquanto Guarda Municipal, ou pela Secretaria de Segurança, vai estar o comandante, pela Brigada, vai estar a delegada Shana ou o delegado Gerson, no caso da Extremo-Sul, aí nós temos, às vezes, o pessoal do serviço, que seria do CRIP, o pessoal da assistência. Mas a gente precisa ampliar esse diálogo com o Judiciário, também com a Câmara de Vereadores, a gente precisa da fiscalização desses serviços. Eu estou pedindo fiscalização para o meu serviço, eu sou Executivo, eu estou querendo que alguém venha aqui fiscalizar o meu serviço. Que alguém venha, porque essa fiscalização também vai ser o meu pedido de socorro. Eu quero justamente isso. A gente tem essa câmara técnica, ela funciona em períodos esporádicos, e se a gente pudesse manter essa proximidade, talvez, com um representante da Câmara dentro do Fórum, dentro do conselho, que pudesse levar essas demandas e esses diálogos? Eu acho que a gente pode hoje ampliar esse espaço, porque ele é muito rico. Quando a gente consegue botar ali os educadores, consegue trazer a comunidade, consegue trazer os profissionais da saúde, uma das coisas que a gente faz é desmistificar a pressão que a segurança tem, ou que as forças de segurança têm para a comunidade, que, realmente, dá medo. Eu fui guri na Restinga, via um camburão, saía correndo, porque eu ia para a parede, tomava coturnada, não sei o quê. Bom, cresci e fui até policial! O major ainda não sabe da minha história, mas eu já fui PM antes de ser Guarda Municipal. A gente, quando jovem, tem todo esse medo de polícia, a gente da periferia tem medo de polícia, mas acho que a gente precisa que a comunidade perca esse medo, para que a gente consiga ter essa aproximação, como tem a Dona Almerinda. A gente precisa ter várias donas almerindas aqui na região. Não só a Dona Almerinda, o Juquinha é outro exemplo. Ele dialoga muito bem com a gente, que trabalha na segurança, junto com o pessoal da comunidade. A gente precisa que todas essas pessoas tenham o entendimento de que nós estamos aqui para construir, não só para oprimir. Faz parte da nossa função a dureza de algumas ações, faz parte, a gente precisa disso. Como faz parte também a gente ter essa educação e a proposta de novas atividades. Por isso o Fórum de Segurança não pode ser um espaço de segurança só com forças de segurança. A gente precisa do Legislativo para mediar, a gente precisa também de alguém para nos fiscalizar e nos socorrer. A gente precisa achar alguma solução para esses jovens.

O que eu quero fazer aqui agora, neste pequeno momento, é reforçar esse espaço que a gente tem de diálogo, que precisa; as ações a gente constrói e constrói muito bem, as sugestões que a comunidade dá são bem-vindas, o major, o delegado, a gente acata e acaba produzindo, refletindo nessas ações para a comunidade. A gente vê pelo Whatsapp toda a produção, então o que a gente precisa é ampliar e aumentar esse diálogo. Na verdade, eu quero convidar as pessoas a participar, trazendo mais pessoas, e pedir que Câmara nos acompanhe mais, para nos cobrar e nos socorrer também. Obrigado. (Palmas.).

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Obrigada, André. O Sr. Rogério Dekcettez, morador do bairro Restinga, está com a palavra.

O SR. ROGÉRIO DEKCETTEZ: Boa noite a todos, boa noite à Mesa, eu não represento nenhuma entidade do bairro Restinga, sou apenas um morador. A maioria das pessoas já falou bastantes coisas sobre a segurança pública, e eu venho só reforçar algumas coisas. É muito importante isso que está acontecendo, a Câmara vir até nós, e seria muito bom também que a comunidade estivesse aqui, para que esse canal fosse um canal de ligação entre nós, moradores. Eu, particularmente, não conheço muitas das pessoas que estão aqui. Eu moro há 38 anos aqui no bairro Restinga e não conheço algumas pessoas. Houve um rapaz que falou muito bem sobre o fechamento do Senai do bairro Restinga, um canal importantíssimo para os nossos jovens, onde havia cursos técnicos para os jovens saírem das ruas e receberem metade de um salário mínimo para aprender. Eles estudavam pela manhã na escola e à tarde no Senai, ou vice-versa. A comunidade se mobilizou quando ficou sabendo que a Prefeitura exigiu PPCI no Senai, um prédio que é da própria Prefeitura. Então, houve esse conflito, a comunidade se mobilizou, houve reunião na Câmara, não sei se os Vereadores acompanharam, o pessoal do Renascer compareceu lá. Na época, eu até falei na tribuna, com todo respeito aos Vereadores, que não é o caso de vocês, que o bairro Restinga, em época de eleição, é invadido por políticos pedindo votos, prometendo mundos e fundos, mas, depois, a gente perde o contato, o canal com eles. Mas a gente foi até vocês, falamos com os Vereadores, reivindicamos na Prefeitura, e, mesmo assim, o Senai foi embora. Estamos sem esse canal. É muito importante a cultura, o *hip-hop*, o samba, a arte manual, a cultura em toda

pág. 22

sua esfera, mas a educação técnica e de conhecimento é importantíssima. E as nossas escolas estão quebradas. A segurança pública passa por tudo isso daí.

Quanto à iluminação pública – trabalhei com iluminação pública durante dez anos, eu sou funcionário público municipal, hoje eu trabalho no HPS –, na frente da minha casa, só para dar um exemplo para vocês verem como é que está o bairro Restinga, ou a cidade de Porto Alegre, o pessoal da empresa Mercúrio instalou umas caixas lá e cortaram uns fios da iluminação pública. Eu pedi que o rapaz ligasse, mas ele não ligou. Eu reclamei para a Prefeitura, fiz um protocolo, no número 156, e, passados dez dias – eu ligando todos os dias –, não foram ligar a lâmpada. Eu liguei para o pessoal da SMOV, porque eu tenho conhecidos, por ter trabalhado dez anos lá, e eles me disseram que está tudo terceirizado, que a responsabilidade por toda a iluminação pública é da empresa Mercúrio, ou seja, não são mais os funcionários que fazem o conserto, então, eles não puderam me ajudar. Resumindo, a empresa levou quinze dias para ligar uma lâmpada. Numa rua próximo à Câmara, ao vir para cá, vi três lâmpadas apagadas, na Av. Nilo Wulff, no bairro Restinga, há um monte de lâmpadas apagadas. Antigamente se trabalhava por encontrada, a empresa ia à noite na vila, com um fiscal da Prefeitura, para anotar o material, para não ter desvio, e trocava as lâmpadas que estavam apagadas. É só uma sugestão que eu deixo aqui.

O transporte público está um terror, com ônibus quebrando toda hora. Eu sou usuário do transporte público e ligo todos os dias para a EPTC para questionar a questão dos horários, etc., pois o transporte está um caos.

E há uma outra coisa que está para acontecer, então vou aproveitar para pedir a vocês, Vereadores de Porto Alegre, que ajudem os funcionários públicos municipais. A coisa já está ruim, e eu vou falar uma coisa para vocês, porque, talvez, vocês não saibam: vai piorar. O Prefeito quer tirar 50% do salário do servidor municipal. São os famosos PLs, que ele quer votar em regime de urgência. Se isso acontecer, a quebradeira vai ser pior. Professores estão pedindo aposentadoria, temos colegas que estão se suicidando. Eu tive um colega no HPS que, infelizmente, cometeu essa barbaridade. Não é invenção. Então, quero pedir aos Vereadores que nos apoiem, porque nós somos prestadores de serviços de Porto Alegre, da comunidade. O nosso hospital do bairro Restinga está sempre superlotado, com falta de médicos. Então, é uma gama muito grande de problemas, que é difícil de a gente lembrar aqui e lincar para vocês.

Que essas reuniões sejam feitas mais frequentemente e com uma melhor divulgação. Eu fiquei sabendo pelo Facebook. Então, a minha preocupação é essa daí. Como eu sou funcionário público, eu posso dizer que todos vão sofrer: a saúde, a educação, a guarda municipal, que é parceira da Brigada Militar. Quer dizer, a comunidade também tem a perder com esses cortes, não só os funcionários. Muitos funcionários já estão se aposentando com medo desse corte de 50% no salário. Além disso, não está havendo mais concursos, o Prefeito está querendo terceirizar muita coisa, só que não é esse o caminho. O funcionário público é bem melhor que funcionários terceirizados, com todo respeito aos terceirizados, mas quem cuida do patrimônio é o funcionário público municipal.

Eu quero agradecer a vocês, à comunidade, que se expressou muito bem aqui, claro que poderia ter muito mais ideias, infelizmente não deu, mas, quem sabe, da próxima vez. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Obrigada, Rogério. A Sra. Rozeli da Silva, Presidente da ONG Renascer da Esperança, está com a palavra.

A SRA. ROZELI DA SILVA: Boa noite a todos, em nome da Comandante Nádia, Sofia Cavedon, eu cumprimento todo mundo. Eu sou uma pessoa que escuto todo mundo falar e fico só analisando. Falamos da segurança pública, da iluminação, de tudo um pouco, e eu venho falar dos adolescentes. Hoje atendo 200 adolescentes no curso Vai à Escola e 120 na faixa de três meses até seis anos. São dois Renasceres. Estou indo para o terceiro na Restinga Velha, se Deus quiser. Se o Comandante observar, a Restinga é um marco de trabalhos sociais de ponta. Hoje, se aqui está vazio, é porque não teve alguém para avisar a comunidade, porque ela se faz presente em tudo que fórum, na reunião que tiver, seja da assistência social, seja da segurança, seja do que for; os presidentes das instituições, se forem convidados, tratam de trazer as famílias, sim. Então, pecaram aí, não culpem a Restinga.

Segundo, o bairro Pinheiro não vai à Restinga por causa dos horários dos ônibus. As pessoas chegam do serviço, e cada um faz a sua reunião na sua região; o Belém Velho também não vem. Quando eu fui para a Restinga, eu tinha seis anos, hoje eu tenho 54

anos, sou avó e bisavó, então, eu te diria que, se eu morasse no bairro Pinheiro, eu não viria aqui.

Quero dizer, também, para vocês que eu sou gari da Prefeitura de Porto Alegre, estou quase me aposentando, se Deus quiser, eu tinha que estar trabalhando, eu trabalho das 13h às 22h30min, mas eu dei uma fugidinha, porque a gente tem que dar uma contribuição. Eu não conhecia o Comandante, muito prazer, eu participo de algumas reuniões de segurança pública com a Almerinda, eu faço parte do grupo, mas não sou uma pessoa presente nas reuniões, porque trabalho à noite, e cada um tem que cumprir o seu horário na Prefeitura.

Hoje eu vim dizer para vocês que a Restinga tem um monte de trabalho bonito. O nosso problema é que nós imitamos uns aos outros. Hoje eu sinto que os nossos adolescentes têm que ter qualificação para o mercado de trabalho. Nós temos muitos adolescentes, com 14 anos, fazendo o Ensino Médio. Eu, com 12 anos, trabalhei em casa de família e não morri, mas, hoje, lamentavelmente, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o adolescente tem que ser menor aprendiz com 15 anos. Os adolescentes de hoje querem calçar tênis de marca. O tempo da minha avó, da minha mãe já passou. A geração que está aí é outra, é uma geração ambiciosa. No meu tempo, eu colocava uma meia e, com as pernas cinzentas, eu corria na Restinga. Hoje ninguém quer passar frio. Então, eu acho que a Restinga peca, porque tem que trazer os adolescentes para essas reuniões para vocês os escutarem. Eu peço para vocês que façamos outra reunião, chamando as escolas Raul Pilla, Ildo Meneguetti, Pasqualini, os meninos do Ensino Médio e Fundamental, eles vão relatar para vocês o que significa ter que estudar e, às vezes, ir com um lápis e um caderno e não ter marmitta. Tem um trabalho para jovem, que a senhora falou? Tem, mas eu acredito que, se nós investirmos nos nossos adolescentes com uma bolsa de R\$ 600,00, R\$ 700,00 e pedir para qualificar a mão de obra dele, com certeza ele vai, porque muitos deles são criados pela avó, muitos deles são criados só pelo pai, muitos não têm mãe, e muitos deles morrem de fome. Então, quando nós falamos da violência numa comunidade, nós temos que abranger isso. É investir, é chegar lá e não julgar a mãe por ela ter filho: “Ah, teu filho está no tráfico porque tu é sem-vergonha.” Não. Ele vai porque vê a dificuldade da mãe, porque nenhuma mãe quer ver o seu filho no tráfico. Nenhuma mãe! A mãe é protetora, ainda mais mãe da comunidade, porque onde come um, come dois, come três. Eu até choro quando falo disso, porque eu

vivi isso. Todo mundo sempre me recriminou, achando que eu ia morrer ou parar na cadeia. Eu era coca-cola. Isso não vale nada, isso não vai valer, porque nunca ninguém me perguntou o que eu queria ser, eu me alfabetizei com 32 anos de idade.

Então, eu vou ter que parar de empobrecer. Um país capitalista, porque hoje todo mundo vem mamar em nós, e nós não conseguimos pegar nessa vaca, que é o Brasil – a mãe teta Brasil –, que ninguém investe nem nas nossas crianças. Nós não temos voz ativa. A gente foi lá na Câmara de Vereadores, como disse aquele moço, para pedir, implorando para o Senai ficar na mão das nossas crianças. Nossa fala foi em vão. Nós voltamos hoje, e os Vereadores sentaram e não foram capazes de conversar com os empresários. Porque eles têm dinheiro. Todo mundo sabe que o Senai tem dinheiro, que os empresários eram altos, eram grandes, e eles botaram um monte de preconceito para não ficar ali. A vida toda o Senai ficou ali dentro do prédio e nunca teve extintor de incêndio. Aí morreram lá na boate Kiss, numa festa que tocaram, e em todas as festas tocam tudo, aí vieram e desmancharam, desmantelaram a Restinga no curso. Então, o que é isso? E os Vereadores estavam – a senhora não estava, Comandante Nádia –, todos eles sentaram, anotaram no papel e, quando saíram, acho que tocaram no lixo. A Restinga tem que criar vergonha na cara e parar de votar em pessoas que não olham a nossa comunidade. Querem botar culpa na segurança pública, no fulano, no sicrano, na comunidade que não... Não! A Restinga precisa de investimento para o nosso jovem, a Restinga tem que chegar para os Vereadores aqui e dizer: “Nós vamos fazer o projeto, nós vamos ter uma renda”. Manda o Governo dar uma bolsa. Mas eles não têm dinheiro. O Prefeito diz que está falido, que tem que aumentar, tem que tirar do meu salário. Eu já sou gari, se ele tirar 50%, nós vamos morrer de fome ou assaltar na esquina. Por favor, o que é isso?! Que falta de respeito com um ser humano que trabalha... Eu trabalho há 32 anos no DMLU. O que é isso? Tirar de nós! Eu também não concordo com isso.

Mas também acho que tudo tem que mudar. O Brasil está um caos, a vida está um caos. Fizeram um projeto de iluminação econômica só para as vilas, porque no Centro, se tu vais à Aparício Borges, tu enxergas, e aqui é uma escuridão. Até onde eu moro, na Hípica, Belém Velho, é uma escuridão. Quem é que vai para a parada? Eu desço lá de cima para a parada. Eu saio daqui, eu desço às dez horas. Eu já subo me cagando de medo, porque não tem iluminação na minha rua, não enxergo, eu tenho que andar de amarelo ou vermelho para ser enxergada, senão não sabem que sou eu que estou vindo.

Então, eu acho que nós temos que investir. A gente tem que investir nos nossos adolescentes, qualificar eles. Eu acredito que terminaria um pouco a criminalidade e a (Ininteligível.) para falar de criminalidade. E quero convidar, Dra. Nádia, vocês. Vocês têm que ouvir os jovens da comunidade, chamar as escolas, botar eles aqui dentro. Eles vão falar melhor do que nós sobre o que eles sentem. Muito obrigada a todos, todos estão de parabéns. E eu estou aí para ajudar a minha comunidade. Não gosto que falem mal da Restinga, eu ando em tudo que é canto de noite, em qualquer lugar eu pego ônibus. Nós também temos problemas de ônibus, eu acho que temos que falar já, conversar. Os ônibus estão podres de sujos, nós estamos que nem na época de 1969, quando nós viemos para Restinga, que carregávamos porco, estão pensando que nós somos porcos? Isso não tem mais, mas é uma sujeirada. Não tem o fim da linha para colocar os ônibus organizados. Os carros quase pegam as crianças do colégio. os ônibus ficam tudo na beirinha, vem tomando conta de tudo, o morador não pode nem encostar na frente das instituições porque não tem espaço. Então, tem muita coisa na Restinga que tem que ser resolvida, e tudo isso trata de segurança pública. Tudo que nós fizemos... É que nem ele disse ali: "Ah, eu não sou político", mas a vida é uma política, meu irmão. Se tu não souberes fazer política na vida, tu não vais a lugar nenhum. Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Esta é a nossa Rozeli. Obrigada, Rozeli querida, um beijo. A Sra. Marília Barreto, moradora do bairro Restinga, está com a palavra.

SRA. MARÍLIA BARRETO: Boa noite a todos. Muitas pessoas me conhecem, outras não. Eu gostaria de dar um retorno para o rapaz que é da segurança, que hoje trabalha no hospital. Infelizmente, é uma vergonha. Faz 30 anos que sou liderança comunitária na Restinga, e a gente sempre debate as mesmas coisas. Muda a Prefeitura, muda todo mundo, e todo mundo tem as mesmas (Ininteligível.) que a gente vem batendo há anos. Depois que eu perdi a minha escola, eu abandonei a Restinga, porque eu fiquei com vergonha de lutar tanto, conseguir e, depois, ver as coisas não andarem. Para mim, é uma satisfação muito grande ter a senhora aqui, que há muitos anos nos apoiou como CMDCA.

Quando a gente perdeu a nossa escola, a gente procurou a Prefeitura. E ainda tem muito para nós fazermos, pena que a Restinga toda não está aqui. Algumas palavras que eu ia falar, a Rozeli acabou falando. É uma vergonha a nossa saúde, vejam o que aconteceu no início da semana, com uma mãe, com a criança no braço, a criança morrendo, e ela teve que meter o pé na porta para os médicos atenderem a criança. Está no Facebook até. E aquilo ali não é nada bonito, gente, aquilo ali é uma vergonha para nós.

Faz dez anos, realmente, que estou afastada, Vereadora, e eu retornei hoje porque me falaram que era ali na Amovir. Eu avisei muita gente que era para ir na Amovir, mas, casualmente, estava indo na farmácia com a minha filha e vi esse movimento e perguntei se a reunião era aqui. Muita gente deixou de vir aqui porque foram na Amovir, mas não era na Amovir, era aqui. É um erro! Mas como se trata da nossa comunidade... Elas têm muito trabalho social, sim, para ser realizado, mas, para o trabalho social, precisam do apoio da Prefeitura. Elas precisam que a Prefeitura ajude as lideranças comunitárias. Hoje eu estou fora, mas as pessoas me falam: “Marília, o que aconteceu com a Prefeitura de Porto Alegre?” Na frente da minha casa, já faz um mês que três postes estão sem luz. Eu já fiz encaminhamento para o 156, mas até hoje não foi feito nada. Está lá, tudo no escuro.

E não é somente a luz, não é somente a nossa comunidade, vamos pensar nas crianças, como a Rozeli falou, vamos olhar o Calábria. Quantas crianças nós encaminhamos para o Calábria? Quantos estão se formando agora, nesse fim do ano? Faz três meses que eles vão... Agora vai encerrar, vai ter a festa de formatura deles, vai ser lindo, mas muitos nossos daqui vão para lá, com chuva, com frio, e não temos isso aqui na Restinga. Nós somos abandonados, realmente, pela Prefeitura. Onde estão as nossas lideranças, os nossos CARs? Onde está a nossa fiscalização? A gente não tem mais. E, quando a gente pensa que vão fazer alguma coisa... Eles não fazem, gente! Cadê a comunicação de nós todos aqui? A Restinga não é pequena, não, a Restinga é muito grande. É lamentável, é muito triste. Hoje eu estou retornando para essa luta! (Palmas.)

Desculpa, mas eu tenho que fazer esse desabafo para a senhora, Vereadora. Quando a gente pediu audiência pública para nós retomarmos os nossos trabalhos, porque hoje tem crianças de 12, 13 anos encaminhados dentro (Inteligível.), tem meninas grávidas, que procurem dizer para nós: “Marília, onde está o nosso erro?”. Falta, sim, gente, mais atenção para a nossa comunidade, não só para a comunidade, mas falta atenção para os

nossos alunos, para as nossas crianças, falta atenção para nós. Nós estamos abandonados. Na semana passada, não sei se o nosso major sabe, a Brigada toda esteve dentro do (Ininteligível.), por causa dessa criança que estava à beira da morte. Foi horrível o que aconteceu, mas eles estavam lá. Eles não usaram violência nenhuma, mas só para os senhores saberem, pela luta da mãe, foi muito sério aquilo ali. Revoltou algumas pessoas, mas outras, não.

Então, o que eu peço para vocês? Não abandonem a gente. Parabéns por vocês estarem aqui; daqui para frente, nós vamos lutar e botar a comunidade aqui, porque essa é a época em que todos vão vir bater na porta e pedir voto. A mentira, a ilusão vai estar na nossa cara, estampada, e nós, como moradores, precisando, tentando acreditar que vai haver uma mudança. Tem que haver uma mudança, sim, tem que acontecer. Alguém tem que fazer alguma coisa. Nós temos lideranças que estão lutando, fazendo doações de roupas, calçados, mas não é isso que eles querem, eles querem se formar, eles querem estudar. Tudo que a Rozeli falou, tudo que o André falou, tudo que aquele rapaz que esteve aqui comentou... A gente precisa de ajuda.

Eu tenho vergonha de dizer que sou moradora da Restinga e deixar de ser uma liderança comunitária de 30 anos. Conseguimos? Conseguimos, mas ficamos abandonados. Outros continuaram, muita gente está continuando a fazer, mas, se a gente não tiver o apoio de vocês, que são o poder, que têm a força da caneta, como fizeram a força para tirar algumas lideranças que estavam trabalhando e fazendo um trabalho bom... Continuaram? Continuaram, mas a gente abandonou, porque ficamos sozinhos, não tivemos força. Agora vamos lutar? Vamos. Vamos para a rua? Vamos. Vamos bater de casa em casa? Vamos. Vamos chamar o pessoal para vir aqui para dentro, porque eles também têm direito de falar. Estou retornando, mas estou retornando com força. Só peço que vocês não deixem esta comunidade como está: abandonada. A saúde, os nossos jovens, a educação – não é? –, fora o que está acontecendo aí com os nossos ônibus. Então, eu peço para vocês, mais uma vez: não nos deixem sozinhos. Muito obrigada pela atenção de vocês. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Muito obrigada, Marília. Quero te responder: ninguém de nós aqui vê tartaruga em cima do poste, alguém colocou lá em

cima. Então, se colocamos tartaruga errada em cima do poste, temos que trocar essa tartaruga e não a botar novamente.

A Ver.^a Sofia Cavedon está com a palavra.

VEREADORA SOFIA CAVEDON (PT): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Temos uma Mesa que está bem representativa, demonstrando o respeito à comunidade da Restinga. Uma Mesa de potência. Acho que temos uma grande ausência, todos vocês já apontaram aqui nas suas falas, que é a do Governo Municipal, enquanto Mesa, enquanto Secretários, porque não se faz segurança sem articulação, sem a proatividade do Governo Municipal e sem a prevenção. Aqui, a minha fala vai nesse sentido, vocês sabem que eu sou da educação, eu tenho uma história na Cidade voltada para essa questão, e a grande preocupação aqui é que perdemos... A Aline começou falando, e vários falaram: nós não queremos combater o tráfico, nós queremos combater a morte. Nós não queremos a morte, nós não queremos a violência. Nós não queremos mais perder meninos e meninas prematuramente, que é isso que está acontecendo na nossa Cidade.

A Restinga tem uma característica combativa muito linda! Não é à toa que a Restinga conquistou o Instituto Federal, vocês têm aqui uma universidade pública. Eu não canso de dizer: uma universidade pública aqui dentro da Restinga! Um hospital público, vocês têm uma rede de escolas municipais, estaduais, escolas infantis, por luta, por ser uma comunidade aguerrida. E tem uma rede comunitária de atuação louvável, nós admiramos demais. Percebemos, na verdade, vocês já identificaram, mas quero aqui pontuar: nós tivemos uma intervenção brutal na educação municipal em Porto Alegre a partir do ano passado. A intervenção foi na rotina, diminuindo o horário dos alunos na escola, ela diminuiu alunos em tempo integral nas escolas municipais, diminuiu refeição e diminuiu projetos culturais no contraturno para os nossos alunos e alunas aqui na Restinga – diminuiu em toda a Cidade, mas diminui aqui na Restinga.

Na semana passada, estive na Escola Pasqualini, coloquei hoje um vídeo da dança lá no plenário da Câmara, mostrando o que é a dança da nossa Companhia de Dança Municipal, companhia jovem, tem oito, nove moradores da Restinga, jovens que foram selecionados, fazem parte da companhia jovem. Olhem a descoberta de talentos, isso que há uma escola preparatória de dança daqui. Infelizmente, a Escola Pasqualini, que

tinha 90 adolescentes que dançavam três horas por dia, agora tem 60, do ano passado para este ano. E está reduzindo um projeto belíssimo que encaminha para um projeto profissional. Estou dando esse exemplo, mas poderíamos tratar de outros. Podemos tratar dos conselheiros tutelares, achei até que alguém estaria aqui, queria trazer esse tema, apontaram e fizeram um relatório esta semana lá na Câmara. No ano passado, no ano retrasado, as audiências públicas aqui na Restinga buscaram a rede de atenção, a saúde mental, brigaram, lotando aqui, nós acompanhamos. Esses dias o Secretário de Saúde esteve na Câmara, eu lembrei como está a saúde mental na Restinga, porque as crianças encaminhadas... Eram mais de 500 crianças e adolescentes encaminhados para o atendimento das escolas e não tinha atendimento. E o Rafael e os outros conselheiros levaram a semana (Ininteligível.), e a maior incidência, para os conselheiros tutelares, na Cidade é violência. É violência sexual, é estupro, é violência contra criança e adolescente. Portanto, está faltando a rede de proteção, está faltando efetividade na punição, e nós continuamos com as nossas crianças atingidas pela violência.

Quero só também levantar que o Cecores – que aqui é a questão do esporte, lazer e da recreação –, com a perda da Secretaria de Esportes, no ano passado, perdeu funcionários da limpeza. O Cecores não pode atender à noite, não pode ficar aberto, não sei se agora está assim, eu vi que o basquete estava funcionando agora meio no escuro, porque a comunidade mantém na garra, mas não tem quem faça manutenção para o Cecores ser plenamente aproveitado com esporte em larga escala para a nossa juventude e adolescentes.

Então, eu quero bater nisso, é obvio que não são os órgãos de segurança que têm que responder isso, mas, Nádia, vamos levar isso ao nosso Presidente, tem que fazer as audiências, convocando o Município, chamando a responsabilidade de articular todas as situações, que é o que vai fazer com que não sejam os órgãos de segurança pública responsáveis por garantir as ações preventivas. Não é possível, nós precisamos encaminhar.

Estamos anotando, certamente, aqui... Eu achei que o tema do Senai estava resolvido, foi recebido lá na Câmara. Eu sei que pode estar começando aqui, mas não adianta abriremos coisas novas, que são efêmeras, e perder ações importantes que vocês já conquistaram. Então vocês levam daqui, com certeza, o nosso compromisso de desdobrar as demandas que nós escutamos, que realmente foram muito representativas, apesar de um número

pequeno. A Restinga falou aqui, falou forte, e nós temos a responsabilidade de dar retornos e não deixar que seja apenas um episódio. Nós fizemos aqui, há três anos – olha, Nádia, a coincidência, acho que tu estavas... Eu era Coordenadora da Mulher quando foi duas vezes assaltada a Escola Tristão, fizemos uma reunião boa sobre segurança lá na Escola Tristão. De novo, temos a Procuradora da Mulher, agora é a Nádia, aqui, presente e escutando. Estamos todo o dia, de uma maneira ou de outra, tratando convênios de creches, vagas de crianças de 4 a 6 anos, então não é por que não estamos especificamente... Estamos tratando de políticas gerais que têm que ser garantidas aqui na Restinga.

Então, parabéns por esta comunidade aguerrida; levamos, mais uma vez, as demandas de vocês, porque a comunidade faz a sua parte, acho que os governos estão faltando muito. Fecho falando dos funcionários municipais, que bom que vocês falaram, na quarta-feira faremos a primeira votação. Nós temos dito, de forma chata até, a Nádia sabe, no microfone daquela Câmara: o maior investimento que faz um governo é ter bons funcionários, valorizados, porque eles são prestadores de serviço. Desde o ano passado, temos ataques ao funcionalismo – ataques! E os funcionários estão se aposentando, estão se exonerando, e aí nós estamos perdendo aqui na ponta atendimento de qualidade. Então, nós temos que barrar isso lá Câmara de Vereadores, com certeza. Boa noite. (Palmas.)

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Passarei a palavra pela última vez à Mesa, cinco minutos para cada integrante. O Dr. José Nilton Costa de Souza, representando o Ministério Público, está com a palavra.

SR. JOSÉ NÍLTON COSTA DE SOUZA: Nestes cinco minutos, então, queria tecer algumas considerações. Primeiro, quero fazer uma observação: eu não represento o Poder Judiciário. O Poder Judiciário, talvez, não tenha ouvido o convite, por isso não se tenha feito representar. Eu represento o Ministério Público. O motivo pelo qual fiz questão de vir é porque é uma área de responsabilidade minha, e segurança pública nos é muito cara. Também a partir de uma curiosidade, porque queria ver se alguém viria ao microfone e iria exatamente referir, ao menos, alguns aspectos daquilo que eu vejo no dia a dia nos processos lá com os quais trabalho. Ouvi a fala do Major, bastante positiva, e eu

vou ser sincero, senti-me preocupado, porque essa não é a realidade que eu tenho visto nos processos. O Ministério Público é uma casa aberta a todos vocês, todos aqueles que quiserem lá ser ouvidos e até falarem sobre os seus problemas, nós sempre os recebemos de braços abertos. Assim como temos recebido alguns moradores da Restinga reclamando de trocas de tiros, reclamando de insegurança, reclamando do tráfico de drogas, reclamando da dificuldade que tem de transitar entre um bairro e outro. Eu não ouvi ninguém falar isso aqui. Eu não ouvi, talvez até tenha me passado despercebido. A Restinga conheço há bastante tempo, conheço mesmo prestando serviço, ela sempre se notabilizou por ter lideranças fortes, Vereadora, por isso que é ouvida, por isso que tem esse volume de prestadores de serviços da própria comunidade, isso sempre houve. Mas, de qualquer sorte, fico feliz porque ao menos houve esse aspecto positivo: os senhores puderam ser ouvidos nas preocupações que têm da perda desse espaço, e a Câmara de Vereadores é um espaço exatamente para dar voz a vocês e para buscar essa angústia, esses aspectos que angustiam vocês no que diz respeito à prestação de serviços.

No que diz respeito às drogas, por todos os lugares por onde eu passei, Major, sempre conheci alguns trabalhos do Proerd, e eu acho que seria bem interessante um pensamento nesse sentido aqui no bairro Restinga, que é trazer, exatamente, as nossas crianças, os nossos jovens para um ambiente sem drogas e para conhecer o trabalho da Brigada Militar e o trabalho que desenvolve esse projeto, que é bem interessante.

Eu me preocupo com esse aspecto de segurança, lembro que nós começamos, no mês de maio, com a morte de um trabalhador, um motorista de Uber, e terminamos o mês de maio com o mesmo problema: uma jovem de vinte e poucos anos perdeu a vida no seu trabalho, no dia a dia. Eu averiguo, nos processos que nós trabalhamos, que são vários processos e é muito preocupante – nós não podemos fechar os olhos para esse trabalho de repressão também, não podemos fechar os olhos, e quem quiser anotar, vou dar o telefone da Promotoria. Nesse período, por conta dessas reformas do Foro, estivemos fora aqui da Restinga sob o aspecto geográfico, mas sempre com a mesma preocupação. Recebi alguns integrantes da comunidade, e até por conta dessa procura, dessa busca, pudemos realizar alguns trabalhos que acredito que tenham sido sentidos por vocês no que diz respeito à segurança pública; a partir daí, começamos a conversar com os delegados, com o Comandante da Brigada exatamente trocando essas experiências,

trocando essas informações que são coletadas da própria comunidade, vocês tem que se preocupar bastante com isso. 3250-1279 é o telefone do Ministério Público que está à disposição de vocês, assim como também, sob o aspecto presencial, se quiserem, nós estamos, no momento, funcionando, lá na Av. Otto Niemeyer, ao lado do Foro, estamos junto com o pessoal que cuida do bairro Tristeza, nesse período em que o Foro está em reforma, e quem quiser estamos lá à disposição para receber vocês e conversar um pouco sobre segurança pública se entenderem mais seguros. Muito obrigado.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): O Delegado Gerson Nadler está com a palavra.

SR. GERSON NADLER: De todas as manifestações que ouvimos aqui, eu acho que temos um consenso perante a comunidade, quase na sua totalidade, da Restinga: a precariedade dos serviços públicos. Onde o Estado falha, a criminalidade avança. A segurança pública aqui desempenhada por nós seria, na verdade, a última razão, antes da segurança pública haveria vários outros fatores a serem corrigidos. Vou enumerar alguns: carência de transporte público, iluminação, calçamento, escolas, postos de saúde – aqui o representante da saúde comentou –, tudo isso vai desembocar na segurança pública. Há uma expressão latina que fala que o direito penal é a *ultima ratio*, a última razão: onde nada antes conseguiu consertar, nós vamos cair onde? Lá no direito penal, nos artigos dos tipos penais, dos crimes. Eu gostaria de ressaltar, das manifestações todas aqui, em especial – conheci hoje a comunidade da Restinga, eu não conhecia –, a da Sra. Almerinda, tive o prazer de conhecê-la, da Sra. Rozeli e a da Sra. Marília. Na verdade, elas, e todos os demais que se manifestaram, enfatizam um princípio que está lá no artigo 144 da Constituição Federal: “a segurança pública é dever do Estado, e responsabilidade de todos”. Acho que na manifestação dessas senhoras, elas não fugiram à responsabilidade. Obrigado a todos.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): A Delegada Shana está com a palavra.

SRA. SHANA LUFT HARTZ: Vou na mesma linha do que já foi dito pela Promotoria, pelo Delegado Gerson, da 7ª Delegacia, das manifestações populares que foram feitas, nós

tivemos representantes da cultura, saúde, educação, e eu acho que a melhoria – não a solução, mas a melhoria – da segurança passa por todos esses pilares. Com certeza, vocês estão presentes, vocês nos trouxeram o que está sendo feito, e é com o reforço desses pilares que a gente vai conseguir ajudar o Extremo-Sul. A questão do tráfico de drogas, que o Sr. Promotor falou, realmente a gente visualiza no dia a dia, é uma problemática grande, um problema grave, não é exclusivo da Restinga, mas aqui nós temos esse problema muito grave. A melhoria na educação, na saúde, nas escolas, na cultura vai nos trazer uma solução? De repente, a longo prazo. O que a gente pode fazer hoje, a curto prazo? Resgatar essas questões que foram colocadas no microfone. É um investimento público, é um investimento que vai salvar o jovem hoje. O jovem se vê muito tentado a se envolver com drogas, é um mundo fácil, é um mundo rápido, é um mundo curto. Esses dias a gente foi pegar uns (Ininteligível.) de homicídio, são crianças que morrem, são adolescentes, são pessoas muito novas que morrem, que perdem a vida nisso aí. É toda uma massa produtiva que poderia estar se voltando ao trabalho e ao retorno para a nossa população. O que a gente pode fazer? Vocês já estão fazendo. Todo mundo que está aqui já está preocupado com isso, mas, na verdade, o que a gente tem que fazer é disseminar essa ideia, levar essa ideia adiante, a gente tem que ter mais pessoas ajudando na nossa cultura, na nossa saúde, na nossa educação que, com certeza, isso vai ajudar na segurança. Como o Delegado Gerson falou também, quando estoura o problema na segurança, é porque o problema já estourou. A gente tem que evitar chegar até lá. Quando chega, a gente procura dar uma solução, mas os índices estão alarmantes. É culpa de um? É culpa de outro? Não. Na verdade, nós todos, nos unindo, buscando cultura, buscando saúde, buscando educação, buscando a melhora de todos esses índices, vamos conseguir melhorar a segurança pública. Obrigada.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): O Dr. Leandro, representante da OAB, está com a palavra.

SR. LEANDRO DA CRUZ SOARES: É importante mencionar novamente que a OAB está aberta para a comunidade, aberta também para todos os convites, Ver.^a Nádia, e prontos. Eu me detalhei bastante na fala do Felipe, de que a comunidade necessita de cultura, e as outras falas foram mais ou menos nesse sentido. O Jorge falou também do Senai, que

fechou. Eu lembro que em 1994 eu fiz Senai aqui na Restinga, com o Professor Jaime, acho que a grande maioria conhece, e realmente foi uma tristeza o Senai ter fechado. A gente precisa de investimento no jovem, investimento na criança. A Aline, minha irmã, falou da conjuntura entre Brigada Militar e Polícia Civil, e o Dr. Nilton falou mais ou menos nesse sentido de tentar levar o adolescente, a criança para dentro da delegacia, do gabinete, para conhecer um pouco da Brigada Militar, do trabalho da Brigada Militar, até para atenuar um pouco desse medo. Alguém falou do medo que a comunidade pode ter da Brigada Militar, e eu tenho certeza de que levando as crianças, os adolescentes para essa conjuntura, esse medo – se realmente tem esse medo – pode diminuir.

Eu queria muito ter contato com vocês, Felipe e Jorge, para a gente tentar articular alguma coisa, a OAB particularmente, vocês têm meu contato, e eu posso tentar articular isso com o Presidente Breier, em prol da criança e do adolescente da nossa comunidade, então estou aberto para vocês. A Dona Almerinda, sempre muito feliz na sua fala, é uma fonte de inspiração para todos nós; obrigado por essa oportunidade, pelo convite feito para a nossa OAB, que estou aqui representando, fico muito feliz, obrigado a todos da Mesa. Muito obrigado.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): O Major Macarthur, Comandante do 21º BPM, está com a palavra.

SR. MAJOR MACARTHUR VILANOVA: Quero agradecer a todos, agradecer a participação, agradecer o convite, e só gostaria de fazer uma correção em alguns pontos – talvez eu tenha me esquecido no meu pronunciamento. Hoje eu tenho 498 alunos no Proerd na nossa região, Promotor. Temos algumas escolas e hoje atingimos 498 alunos; tenho uma meta para cumprir, pela instituição, de 1.150 alunos, pretendo chegar até o final do ano, formando pelo Proerd. Então estamos trabalhando forte na região na questão do Proerd, que é o Programa Educacional de Resistência à Violência e às Drogas, em que as crianças aprendem a dizer não às drogas. Nós trabalhamos com crianças de quarto ano, neste programa; o policial fardado vai à sala de aula, ele se aproxima da criança e, nas aulas (Ininteligível.) ele quebra o gelo entre o policial e a criança, a criança passa a ter um contato maior com o policial, e ali ele ensina, nas aulas, a dizer não às drogas. Eu fui um precursor, com o Capitão Júlio, na época, sou instrutor

do Proerd desde 1997, sei como é o trabalho, sei como se dá uma aula no Proerd e como nós trabalhamos com as crianças. Na verdade, é muito difícil. Em 1996, aqui na Restinga, fui instrutor Proerd em algumas escolas, é bem difícil trabalhar, porque tem que dizer para a criança que cerveja é droga, que cigarro é droga, que cachaça é droga, e ela convive com isso no seu dia a dia. É difícil ela chegar em casa e dizer para o pai, para a mãe ou para o tio que o que eles estão tomando é droga. Eu sei que é bem complicado, mas estamos fazendo esse trabalho com as crianças.

Quero agradecer a presença de todos, agradecer pelas informações, é importante tudo que nos trouxeram aqui, para a Brigada Militar, e, como digo para as crianças, não precisa ter medo da Brigada Militar, nós estamos aí para ajudar, nós somos parceiros da comunidade, nós estamos tentando nos aproximar e, se eu não consegui chegar lá ainda, é porque estou num trabalho para visitar todos os líderes comunitários de toda a região, mas nós vamos atingir esse objetivo.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MAJOR MACARTHUR VILANOVA: Está acontecendo. São 498 alunos que nós estamos atingindo agora nas escolas, e eu tenho uma meta de 1.150 alunos para atingir até o final do ano, isso é ordem, não é tentativa, tenho que cumprir.

PRESIDENTE COMANDANTE NÁDIA (PMDB): Bom, acho que foi cumprida essa Audiência Pública. Quero agradecer ao Felipe, à Aline, à Adecilva, ao Jorge, à Almerinda, ao André, ao Rogério, à Rozeli, à Marília, que, com as suas falas, representaram muito bem a Restinga. Por certo que as demandas aqui reivindicadas, as críticas feitas serão encaminhadas, sim, por mim e pela Ver.^a Sofia, ao Executivo – iluminação é segurança pública, poda de árvore é iluminação pública –, e continuaremos, vamos encaminhar ao Presidente o pedido de que outras audiências públicas aqui aconteçam, a Câmara está aberta, eu sou Presidente da Frente Parlamentar de Segurança Pública, a Sofia faz parte, a qualquer momento podemos ser demandadas, a reunião da Freseg, que é a Frente Parlamentar de Segurança, não precisa acontecer na Câmara, pode acontecer aqui, a qualquer telefonema estamos abertos a receber o pedido de retornar. Parabéns pela força da Restinga!

Câmara Municipal de Porto Alegre
Seção de Taquigrafia
004ª Audiência Pública 04JUN2018

Dou por encerrados os trabalhos desta Audiência Pública, agradecendo a Deus por estarmos todos aqui. Muito obrigada e boa semana a todos.

(Encerra-se a reunião.)